

“Ressurgimento”

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia “Minerva” — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

Paz aos homens

Noite de Natal. Vai começar a quadra linda do mais sublime encantamento espiritual.

Veremos erguer-se dos telhados frios o fumo esbranquiçado e move-diço que, partindo da lareira aconchegada e farta, ligará ao Céu as delícias dum lar feliz.

Veremos pelas ruas, em ranchos e descantes, a mocidade alegre a dar boas-festas em comunhão mística com os raios finos do lindo luar de Janeiro.

E dos templos e presépios sairá uma voz sagrada cantando assim:

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!

Paz na terra! Assim cantavam os anjos há dois mil anos!

Mas onde está essa paz! A terra treme, os corações despedaçam-se, as almas vibram de angústia, com o troar do canhão, com o ruir das cidades, com a morte e a guerra em plena destruição!

Paz aos homens! Mas os homens degladiam-se, as famílias guerreiam-se, os pobres gemem, os ricos odeiam-se, os vizinhos combatem-se, a calúnia e a inveja levantam-se em reboliço por toda a parte!

Como entender esta paz?!

Veio Cristo ao mundo a trazer a paz e o mundo vive em guerra!

Os anjos cantavam paz para os homens e os homens degladiam-se!

Sim, é que os anjos não diziam apenas: — paz aos homens; mas, exclamavam: *paz aos homens de boa vontade.*

E homens de boa vontade quere dizer: homens de perdão, de justiça, de caridade. E que é deles?!

A Escritura Sagrada diz que não há paz para os ímpios. E que vemos nós a provocar a guerra senão a impiedade?

A paz, sim, a paz só existirá quando todos se compenetrarem que ela só pode vir do dever cumprido, da consciência tranqüila.

A verdadeira paz é a paz de Deus, é a paz da alma, é a paz do justo. Os maus nunca têm verdadeira alegria, nem sentem paz interior, diz a imitação de Cristo.

E todavia o homem foi criado para viver em paz, o homem aspira necessariamente à felicidade e ninguém tem o direito de se lhe opor no caminho sob pena de chamar sobre si o anátema do Eterno.

Paz nas famílias, paz na sociedade, paz no mundo, só a teremos quando existir a paz individual.

A verdadeira paz, a paz de Deus, como afirmavam os anjos, é só para o justo, é só para os homens de boa vontade.

MARQUES PEREIRA.

Administração Municipal

Depois de se referir da forma que vimos aos magnos problemas das águas, luz e matadouro, o plano de actividade municipal para 1940 ocupa-se do novo edificio dos paços do concelho começado há mais de 25 anos, concluindo que «se impõe a sua demolição, aproveitando-se a pedra para outro edificio que deve ser colocado em local a escolher oportunamente».

Se tal construção faz ou não parte do programa a realizar em 1940 não se depreende. Tal obra não consta explicitamente das bases do orçamento e por isso ficamos sem saber o que se pretende a tal respeito.

Em seguida a atenção da Câmara volta-se para a pavimentação das ruas e largos da cidade, afirmando-se que se aguarda a comparticipação do Estado para vários projectos já organizados. Mas logo se acrescenta:

«Para aplicar muitos milhares de paralelepípedos que a Câmara adquiriu nestes últimos anos, vão pavimentar-se os demais largos e ruas da cidade, não se pedindo para estas obras a comparticipação do Estado, por os paralelepípedos não estarem nas condições que o Estado exige nas obras que subsidia.»

As palavras que nós sublinhamos são mais um exemplo daqueles exageros que já apontamos anteriormente. E' verdade que entre os 300 milhares de paralelepípedos que a Câmara adquiriu já em 1936 — salvo erro — para a pavimentação da Avenida dos Pombais, poderá haver dois ou três milhares que não estejam nas condições exigidas pela fiscalização do Estado; mas se existem, não foram pagos como bons; foram devidamente apartados e custaram à Câmara cerca de metade do preço dos outros. Que os restantes não estão em condições de serem aprovados pelos serviços do Estado não o pode afirmar senão quem faça fé só pelo que outros lhe dizem e tenha muita vontade de não aproveitar as tais comparticipações.

A seguir fala o plano no bairro operário de Urgeses que é preciso concluir. Para esse efeito afirma-se que a Câmara tem ainda de entregar à Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais cerca de 200 contos. Mas não se compreende se se trata de concluir o que está já construído em parte ou se se pretende dar execução cabal ao projecto, que abrange um número maior de moradias e para o qual foi apropriado pela Câmara todo o terreno necessário. O relatório não o diz e nós não o adivinhamos.

Também o relatório não explica como é que a Câmara se arriscava a perder os 500 contos que adiantou para a construção do bairro, só pelo facto de ter pedido — e muito bem — que as rendas mensais a pagar pelos futuros ocupantes fôssem reduzidas para 40\$00, 50\$00 e 60\$00 mensais. Diz apenas que se pediu ao sr. Ministro das Obras Públicas o reembolso pelo Fundo do Desemprégo dignando-se S. Ex.^a conceder em 5 de Maio, o subsídio de 234.055\$00. O caso para nós não está claro.

Depois de se referir às despesas com as comemorações centenárias, incluindo as de expropriações de prédios para o parque do castelo, ao aumento de subsídio à Casa dos Pobres e à criação de instituições similares em centros populosos do concelho, termina o relatório com a afirmação de que para melhoramentos rurais se vai gastar mais do que a lei determina ou seja mais de 25 p. c. dos adicionais às contribuições do Estado.

Apresentam-se depois, no mesmo documento, as bases do orçamento para o ano de 1940.

Segundo o § único do artigo 642 do Código Administrativo, dessas bases deve constar:

a) *O cômputo aproximado das despesas a efectuar.* Lá está, com efeito, e soma 6.450 contos.

b) *O critério de distribuição das dotações destinadas a obras e melhoramentos nas freguesias.*

Não se lhe faz qualquer referência, donde talvez se possa concluir que não há critério nenhum.

c) *A discriminação das obras de interesse público a realizar pela Câmara e sua dotação aproximada.*

Não se fez tal discriminação; para obras há uma verba global de 1.767 contos, para melhoramentos rurais outra de 350 contos e para o matadouro 700 contos.

d) *Os novos lugares a criar.* Afirma-se que se não criam.

e) *A indicação das economias a realizar na administração municipal.* Declara-se que não é possível fazer economias.

E terminam as bases com a declaração de que se vai contrair o empréstimo de 3.500 contos na Caixa Geral dos Depósitos Crédito e Previdência.

Em conclusão, tanto o plano de actividade como as bases são manifestamente insuficientes e as últimas nem sequer estão elaboradas de harmonia com a lei, como se viu.

VERAX.

Arrancado à paz do monte . . .

Emquanto me sentia um pouco resguardado, ali no outeiro vizinho soprava um vento forte, contorcendo violentamente a copa dos pinheiros que na rigidez dos seus troncos permaneciam estáticos em alinhamentos desencontrados.

Soltavam as fôlhas em gemido sibilido e, sacudidas num desequilíbrio a que eram obrigadas, logo procuravam a posição que lhes era dada.

Passou o vento e os pinheiros velhos e novos lá ficaram, quietos, a descansar do grande esforço a que haviam sido sujeitos, aguardando com serenidade e sangue-frio a vinda de nova intranqüilidade.

Debaixo da larga copa dum gigante, permanecia um pinheirinho humilde, débil, tenro ainda e muito contente da companhia protectora que os grandes lhe ofereciam. Sofrera mais com a ventania, é franzino ainda, mas gozava agora com maior consôlo a paz do monte, o descanso das arremetidas que, apesar de tudo, soube enfrentar com coragem.

Naquela doce calma nada o apoquentava; era novo, para pouco servia e tinha a protecção dos fortes.

Ao sol pôsto dêsse dia o pequenino valente vê aproximar-se, luzindo-lhe o gume, uma foice bem afiada. Não se assustou... era novo... para bem pouco servia... mas... a primeira foçada cai. Cavou-lhe um profundo golpe e o pequenino pinheiro estremeceu. Outro golpe, mais outro... e o pinheirinho tomou, inerte, no chão verde que o rodeava.

La sair do sítio onde nascera, onde cresceu, onde vivia despreocupado.

E os grandes, os fortes, impotentes para o salvar, assistem, doridos, à partida do pequenino companheiro. Com uma araganzinha, gemem outra vez não com força, tristes, muito tristes, o adeus saído da despedida.

Levam-no para uma sala. Ficarà para ali, sem ter prestado para nada, à espera que outro destino, para o que talvez estivesse fadado, lhe dêem por caridade.

Ao olharmos depois para o pinheirinho amarelecido, que dantes fôra viçoso, verde e alegre, parecer-nos-á que sobre ele está escrito o epitáfio: Arrancado à paz do monte para ser ridicularizado em «árvore do Natal».

Ant. S. M.

lêde e propagai
“Ressurgimento”

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

4.º Domingo do advento

Evangelho (Luc., III, 1-6. — No ano décimo quinto do império de Tibério César, sendo Poncio Pilatos governador da Judeia, e Herodes tetrarcha da Galileia, e seu irmão Filipe tetrarcha da Itúrcia e da província de Trachonites, e Lisánias tetrarcha da Abilina; sendo príncipes dos sacerdotes Anás e Caifás; veio a palavra do Senhor sobre João, filho de Zacarias, no deserto. E foi percorrendo toda a terra do Jordão, pregando o baptismo de penitência para remissão dos pecados, como está escrito no livro das palavras do Profeta Isaias: «Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; fazei direitas as suas veredas; todo o vale será cheio, e todo o monte e cabeço será arrasado; e os maus caminhos tornar-se-hão direitos, e os escabrosos, planos; e todo o homem verá o Salvador enviado por Deus.

Homília. — Esta passagem do santo Evangelho mostra como o Santo Precursor foi chamado por Deus e como foi obediente a esse chamamento. Há aqui uma grande lição não só para aquêles que Deus chamou a uma vida especial, sacerdotal ou religiosa, mas também para todos os cristãos. Do modo como a Providência procedeu para com S. João e da fidelidade com que S. João correspondeu, aprenderemos nós três cousas: 1.º que é necessário o chamamento divino para se entrar num estado, qualquer que êle seja; 2.º que deve haver disposição de ouvir esse chamamento; 3.º que é necessário obedecer.

E' necessário ser chamado por Deus. S. João Baptista, escolhido por Deus

no ventre de sua mãe, espera um sinal de Deus para começar a sua missão de Precursor.

Não seguir, pois, a vocação a que Deus nos destina, escolher por capricho, presunção ou levandade um outro estado de vida diferente daquêle a que Deus nos destina, é uma desordem; é deslocar-se donde Deus manda estar e por êsse motivo tornar vã a graça de Deus em nós e expor-se a castigos terríveis neste mundo e no outro. Fora da vocação nada succede bem; fora da perfeição não há felicidade.

E' necessário dispor-se a ouvir o chamamento divino. S. João ainda nisto nos dá exemplo. E' no deserto, passando uma vida de recolhimento, de penitência e de trabalho que êle conhece a vontade de Deus e ouve a sua voz... Oxalá nos pudessemos preparar assim!...

E' necessário obedecer à voz de Deus. Vêde ainda o exemplo de S. João: vive na margem do Jordão pregando a penitência. Quando se quer conhecer a vontade de Deus, isto é, a que estado Ele nos chama nada mais é necessário do que obedecer: mas é necessário obedecer.

Meus irmãos, *videle vocationem vestram.* Que cada um se esforce quanto possível por conhecer a sua vocação e ser-lhe fiel... Livrem-se os pais de violentar seus filhos em assunto de tanta importância e de lhes impor a sua vontade com manifesto prejuizo da de Deus... Recordem-se que a fidelidade em seguir a vontade de Deus na escolha dum estado de vida é um penhor das bençãos divinas e da salvação...

Magis satagite ut por bona opera certam vestram vocationem et electionem faciatis. Amen.

a êste agrupamento está na frase bem sincera que proferimos: Guimarães tem um orfeão digno de si e das suas tradições!

A 2.ª parte não foi má, tendo-nos agradado mais Arnaldo Requite nos solos de viola.

Na 3.ª parte gostamos de ouvir a sr.ª D. Aida Monteiro. Pena foi que muitas vezes se não ouvisse bem a sua voz maviosa e maleável, porque alguns assistentes se esqueciam, por momentos, de que era preciso silêncio.

O violinista, sr. Manuel Ruivo, confirmou a fama que já vai tendo, deliciando-nos com uma técnica e execução própria de um verdadeiro artista.

Parabens à direcção, aos rapazes orfeonistas e ao artista e incansável Filinto Nina.

Foi, de facto, uma noite de arte.

Mais ficamos esperando!

Aniversários

Dezembro, 20 — Dr. José Maria de Castro Ferreira.

Dia 22 — José Figueiras de Sousa.

Dezembro, 26 — João de Jesus de Melo Breyner Cardoso de Menezes.

Dia 30 — D. Margarida de Mendonça Povoas Leite de Castro.

Dia 31 — Capitão José Cardoso de Menezes (Margaride).

Falecimentos

No dia 14, à noite, faleceu no Pevidém a ex.ª sr.ª D. Emilia Rosa de Abreu Correia Guimarães, esposa do sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães e mãe dos srs.: Jaime, Alfredo, Altino, Aprígio e Armindo da Cunha Guimarães; irmã do sr. padre Alfredo Correia e Joaquim Correia; cunhada dos srs. D. Guilherme Augusto Inácio da Cunha Guimarães, Augusto Pinto Lisboa e Augusto Marques; sogra dos srs. António Gomes da Costa, Timóteo de Vasconcelos e Guilherme Folhadela Marques.

A saudável senhora contava 68 anos de

idade e morreu, confortada com os sacramentos da Santa Igreja, depois de longo e doloroso sofrimento.

A toda a família enlutada apresenta o *Ressurgimento* condolências.

— No dia 13, à noite, faleceu também a sr.ª D. Maria da Costa Pacheco André, esposa do sr. José André, contando apenas 54 anos de idade.

A pranteada senhora era mãe das sr.ªs D. Ana André Marinho, D. Maria André Ferreira e D. Maria Alzira André Pacheco, e do sr. João André; irmã dos srs. Simão da Costa Pacheco, António da Costa Pacheco e José da Costa Pacheco. Era também cunhada dos srs. António Martins Ribeiro da Silva, Amadeu Miranda e António Salgado e sogra da sr.ª D. Maria de Oliveira André e dos srs. Bernardino Alves Marinho e Manuel da Assunção Ferreira Júnior.

A família da saudável extinta apresentamos sentidos pésames.

Aviso

Para cumprimento do que determina o art. 6.º do Decreto n.º 22.287, de 14 de Julho de 1933, todas as empresas, sociedades ou firmas singulares ou colectivas, que tenham estrangeiros ao seu serviço, têm de o participar na Secção Policial da Câmara, durante o próximo mês de Janeiro, para o que terão de preencher a declaração Modelo 229.

A falta de cumprimento é punida com a multa de mil escudos, de acôrdo com o que estipula o art. 7º do referido Decreto.

Sociedade

Para passar as férias do Natal, chegaram de Vimioso, acompanhado de sua ex.ª esposa, o sr. Arnaldo Alberto Poças Trancoso Falcão.

— Em férias se encontra também nesta cidade o estudante de engenharia, sr. Alberto da Silva Guimarães.

— Para passar o Natal com sua família, chegou de Lisboa o sr. Joaquim Miranda de Carvalho.

NOTICIÁRIO

Casamentos

No passado dia 14, realizou-se no templo de S. Torcato, o casamento da sr.ª D. Maria Amélia Fernandes Pimenta Machado com o sr. Armindo da Cunha Guimarães.

Foram padrinhos, por parte da noiva, os seus pais, sr. Alberto Pimenta Machado e a ex.ª sr.ª D. Ana Mendes Fernandes Pimenta, e por parte do noivo, seu pai, sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães, e sua irmã, ex.ª sr.ª D. Maria de Jesus da Cunha Vasconcelos.

Foi celebrante das respectivas cerimónias, sua ex.ª rev.ª o sr. D. Guilherme Augusto Inácio da Cunha Guimarães, venerando bispo de Angra do Heroísmo e tio do noivo, que aos recém-casados fez uma tocante e apropriada alocução.

Para o novo lar cristão os nossos desejos de infindas felicidades.

— Realizou-se no domingo, 16, na igreja dos Santos Passos, o enlace matrimonial da sr.ª D. Ana Simões de Sousa Menezes, filha extremosa do estimado professor sr. Mário de Sousa Menezes, e de sua esposa, a distinta professora sr.ª D. Maria da Natividade Simões e Silva,

com o sr. Noberto de Freitas Guimarães Pacheco, filho dedicado do conceituado negociante local, sr. Simão da Costa Pacheco e de sua dedicada esposa sr.ª D. Aurora Guimarães de Freitas Pacheco.

O acto, que foi assistido por pessoas de família e de intimidade, foi celebrado pelo pároco da freguesia de S. Paio, o rev. padre Luiz Gonzaga.

Aos noivos, o desejo de muitas felicidades.

Orfeão de Guimarães

Como estava anunciado, realizou-se no passado dia 19, o sarau dêste agrupamento artístico, no Teatro de Martins Sarmiento.

A casa bem passada, mas nenhum lugar devia estar vazio!

Depois de umas breves palavras de apresentação pelo sr. Padre Carlos Simões, tivemos o imenso prazer de ouvir o Orfeão.

Todos os números agradaram muitíssimo, se bem que queiramos sobrelevar a perfeição com que foi cantado «Salutaris» de Perosi e o interessante arranjo da «rapsódia» com que fechou a I.ª parte.

A melhor crítica que se poderá fazer

Política de verdadeira União Nacional

Consoante nota officiosa publicada nos jornais, a Comissão Executiva da União Nacional «reconheceu a necessidade de acentuar, cada vez mais, uma política de verdadeira união nacional, que por toda a parte, combata certas acusações personalistas, bem como o espírito de facção ou grupo».

Não podemos senão aplaudir esta acertada decisão da Comissão Executiva da União Nacional. Acusações personalistas e o espírito de facção ou grupo são absolutamente contrários à doutrina do Estado Novo e à natureza da União Nacional, tal como a criou Salazar. Os membros da União Nacional, conforme o que lhes diz o expressivo nome do organismo em que estão filiados, devem ser os primeiros a dar o exemplo de união no plano do bem comum, o qual, por sua definição, se não compadece com o individualismo de intrigas e acusações pessoais, e de facção ou grupo, vê-lhas manifestações do espírito de partido, que a União Nacional não é, nem pode ser. De mais, se a União Nacional tem, como função

COMPARTICIPAÇÕES

Vemos na correspondência de 19 do corrente para o *Comércio do Porto* que foram concedidos 133.000\$00 pelo Ministério das Obras Públicas como participação do Estado com a Câmara Municipal de Guimarães para obras de pavimentação de ruas e largos da cidade.

Tal notícia não pode deixar de nos causar júbilo e comosco rejubilam todos os vimaranenses.

Felicitemos a Câmara de Guimarães e aplaudimo-la pelos esforços que empregou para conseguir êste valioso auxílio do Estado.

Oxalá que consiga ainda muitos mais.

Lêde e propagai

“Ressurgimento”

específica, a educação cívica do povo, o único apoio eficaz desta educação é o modelo de fé viva em cada um dos filiados, em toda e qualquer circunstância da sua vida pública ou particular.

Boas Festas

Apresentamos a todos os nossos assinantes, amigos e colaboradores, os votos muito sinceros por que a festa do Natal lhes traga as mais santas e puras alegrias. E permita Deus que estas sejam para todos prenúncio daquela paz e tranqüilidade que os anjos anunciaram em Belém, perante o berço do Salvador, mas que infelizmente, para a humanidade, tam afastada anda do mundo.

Câmara Municipal de Guimarães

Resumo do expediente da sessão ordinária de 6 de Dezembro de 1936.

(Continuação do número anterior)

O sr. presidente da Província do Minho convidou o sr. presidente da Câmara a assistir a uma reunião a realizar no dia 25 de Novembro, a que assistirão todos os presidentes das câmaras municipais da província, para se assentar no critério a que deve obedecer a representação de cada município nas Festas Provinciais de 1940, e bem assim para saber qual a contribuição pecuniária de cada município. O sr. presidente informa que esteve presente à citada reunião.

A direcção do Hospital do Conde Ferreira, Porto, informa que a pensão dos seus doentes, a principiar em Dezembro corrente e apenas durante a época de inverno, será acrescida de 5%, em virtude de ter sido instalado nas diversas enfermarias o aquecimento central. Inteirada.

O chefe da Repartição da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, diz que até 8 de Janeiro de 1940, deve a Câmara efectuar o pagamento de 19.918\$10, relativos à segunda prestação do empréstimo de 500.000\$00 concedido a 8 de Janeiro de 1936. Em virtude de não estar ainda terminado o bairro operário de Urgezes, a Câmara pede a prorrogação para mais um ano.

A direcção da Cantina Escolar Vimaranesense pede o levantamento da verba de 1.000\$00, subsídio lançado para aquela instituição, no corrente ano. Foi autorizado o pagamento.

O tesoureiro da comissão instaladora da Casa dos Pobres, de Vizela, pede a entrega do subsídio concedido àquela instituição e que diz respeito ao mês de Novembro. Foi autorizado o pagamento.

Requerimentos: — José Lopes dos Santos, de S. Cristóvão de Selho, pede licença para construir um prédio no lugar da Muda, da mesma freguesia. Deferido.

Domingos Fernandes, de Santa Maria de Airão, pede licença para construir um muro, com determinada altura, colocando-lhe por cima uma rede de

arame para vedação de um terreno. Deferido.

— António Alfredo Mendes de Abreu e Maria Amélia Mendes de Abreu, de Campelos, pedem licença para construir um barraco de madeira, desmontável, destinado a resguardo de lenhas e outros materiais, num terreno que possuem no lugar do Cano, desta cidade. Deferido.

— Constantino Alves, desta cidade, pede licença para reparar a beirada do seu prédio e colocar uma platibanda, ao longo da mesma, na Rua Francisco Agra, e canalizar ao colector geral, as águas da garagem do mesmo prédio. Deferido, devendo a fossa ser tornada scéptica.

— Bento Pereira, de S. Lourenço de Sande, pede licença para reparar a fachada de uma casa terrea que possui, confinando com a estrada municipal que dirige ao Sabroso. Deferido.

— António Pereira, de Lordêlo, pede licença para reconstruir uma casa que possui na mesma freguesia. Deferido.

— José Mendes de Oliveira, desta cidade, pede a ligação da água para um prédio que possui na Rua de Vila Flor. Deferido.

— António Carvalho de Barros e Deolinda Lobão, aquêle desta cidade, e esta, da Vila de Vizela, fazem idênticos pedidos. Deferido.

— Luiz Pereira, desta cidade, pede para quando for autorizado o pagamento do calcetamento da estrada do Pinheiro, ser descontada a seu favor a importância de 2.424\$00, em virtude dos arrematantes do referido calcetamento lhe estarem devendo aquela importância por serviços ali prestados.

A Câmara resolve apensar este requerimento ao processo de arrematação respectiva.

— Antonio da Costa, cantoneiro municipal, de Serzedo, pede o subsídio de invalidez, visto achar-se impossibilitado para o trabalho. A Câmara resolve conceder-lhe 30 dias de licença graciosa, para tratamento cirúrgico.

— Maria Ferreira, Armandina Antunes, Joana Martins Ferreira, Hermínia Dias de Sousa, Ana Margarida Pereira e Maria de Carvalho, pedem subsídio de lactação para seus filhos menores. Concedidos.

— Rosa Lopes, de Rendufe, pede licença grátis para possuir uma cabra. Deferido.

Palavras de sempre e de hoje

A Rússia na política internacional e na S. D. N.

«Se nessa herança moral, que é a nossa, há princípios eternos de verdade e de vida social, reputamos do nosso dever gritar a fidelidade a êsses princípios: tanto mais quanto mais esquecidos e violados; tanto mais justificadamente quanto anda alarmado o mundo e perplexa a consciência dos povos que se interrogam ansiosos sobre se haverá ainda, no meio desta derrocada, lugar à verdade, à honra, à justiça, à legitimidade do direito, ao bem comum dos homens e das nações. Nem nós podemos crêr — e bastas vezes o temos afirmado — que uma nação como a Rússia, que exactamente renegou dêsses princípios, seja quem vem — piedoso cireneu — ajudar a restabelecê-los na Europa ocidental.»

SALAZAR (Do discurso pronunciado na Assembleia Nacional em 9 de Outubro de 1939).

* * *

«Muito sinceramente confesso que não sei como a admissão dos so-

A Verdade e a Mentira

A verdade, sempre à frente!
A não ser quando a verdade
Cede o passo, em cortesia,
A' irmã do céu: Caridade

Mentira é rã chocalheira:
Tarde ou cedo, de onde em onde,
Ela mesma dá sinal
Dos charcos em que se esconde!

Roteiro de Gente Mõça, de António Correia de Oliveira.

vietes poderá criar perspectivas favoráveis à obra de paz e de segurança do Mundo, invocada no preâmbulo do Pacto da Sociedade das Nações, que deveria constituir a Magna Charta de todos os Estados modernos. A admissão dos soviets na Sociedade das Nações, pelo simples aumento de prestígio que daí resultará para êles, não tornará até mais eficaz a propaganda destinada a destruir as instituições sobre as quais repousa a organização política e social dos Estados?»

J. CAEIRO DA MATA (Do discurso pronunciado no Conselho da S. D. N. em 17 de Setembro de 1934, sobre a admissão da U. R. S. S.).

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181

GUIMARÃIS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05 F	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.

De 1 de Julho a 30 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	18,35	21,20

De 15 de Junho a 15 de Novembro

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
11,45	14,25	8,00	10,40

HORÁRIOS DAS CARREIRAS

DO

PORTO

HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectua aos Domingos.

Corporativismo

Mas para não tornar demasiado extenso o assunto, permito-me pôr de parte os altos pensamentos dos Chefes Espirituais da Igreja e esquematicamente indicar as causas da questão social.

Ei-las: separação entre os detentores do capital e o trabalho; exploração da mão de obra; maquinismo e conseqüente formação de grandes cidades com a desapareição das corporações rurais; crise da super-produção (tese liberal do *enrichissement*); livre concorrência; hiper-capitalismo (sociedades anónimas); progresso, criando luxos desconhecidos, agentes psicológicos do desequilíbrio moral e portanto social; má organização (inter-nacional) do trabalho.

São estas mais ou menos as causas desse problema difícil, a que se chama Questão Social.

Ora nós temos o dever moral de procurar obter aquela Verdade que a Filosofia nos indica como único objectivo digno do Homem completo.

Examinemos pois, lealmente e sem preconceitos, os dados que conhecemos. Teria sido sempre a sociedade assim, seria assim por natureza?

Como resolver portanto esta questão primordial que se agita sempre ameaçadora sobre a vida dos povos? Não é com uma atitude quasi sempre indiferente, com um e simples encolher de ombros que nós ao ver passar um cortejo interminável de misérias podemos definir a nossa atitude de membros da Sociedade.

Não; partamos à busca duma solução.

Debrucemo-nos um momento sobre esse grande doente de respiração opressa e ofegante que é o Mundo, escutemos, coado através da serenidade deste Minho, o rumor, os ecos da luta terrível da vida e pela vida.

A um observador que toma parte nela podem-lhe parecer desconexos e incompreensíveis os ruídos e os movimentos da batalha; quem dela esteja alheado pode ver melhor as intenções, e com o espírito de observação agrupar distintamente os acontecimentos e estabelecer diversas constelações principais.

Olhemos o Mundo. No campo da economia social duas correntes principais e fortíssimas, uma pela sua audácia, materialidade, dinamismo, relativa porção de Verdade que contém — o socialismo, comunismo; outra pela força da inércia importantíssima das cousas já feitas, pelo comodismo de alguns, pelo desinteresse de muitos — o liberalismo.

São estes em geral os defensores duma orientação social — e já em primeira análise, podemos duvidar duma doutrina cujos mais extremos e quasi únicos mantenedores se encontram entre os incapazes e os inúteis, ou que arrastam a sua vida sem sentido pelas praias chics, elegantíssimos chás, e espectáculos dos chamados dias da moda, quando se reúne a *soi-disant* boa sociedade, a *élite* portuguesa — desgraçado Portugal, se fôsse esse o seu escol como eles dizem! Socialismo-comunismo, liberalismo!

Não nos detenhamos sobre essa dupla tragédia do orgulho desmedido e da razão desvairada do homem em conflito com a Majestade Imutável de Deus.

Um vimezanense.

Abertura Solene das Aulas no Liceu Martins Sarmiento

A abertura solene das aulas no nosso liceu realizou-se este ano no dia 8 do corrente. O acto, que se revestiu este ano de certa solenidade, efectuou-se numa das salas mais amplas do liceu dentre aquelas que no começo do ano corrente foram reparadas e melhoradas pela Direcção Geral dos Edifícios Nacionais.

Presidiu à sessão o ex.^{mo} Reitor secretariado pelos ex.^{mos} srs. professores Drs. Dias Pinheiro e Aventino Faria. Assistiram muitas famílias de alunos e estavam presentes ou fizeram-se representar as autoridades civis e religiosas.

A sessão começou pelo hino nacional cantado pelo orfeão do liceu.

Falou em primeiro lugar o ilustre reitor, ex.^{mo} sr. dr. Feliciano Ramos, que, depois de agradecer à imprensa e a todos os que haviam acedido ao seu convite para assistirem àquela sessão, fez considerações muito judiciosas e elevadas sobre o papel educativo que está confiado aos liceus, mostrando que as preocupações dos educadores são hoje muito diferentes das que sentiam não há muitos anos, pois hoje pretendem acima de tudo formar portugueses sãos sob todos os aspectos.

Em seguida mostrou que à luz da filosofia se justificava plenamente a orientação que se estava seguindo nos liceus portugueses a qual, de resto, está perfeitamente de acôrdo com a nossa história e com as nossas tradições de povo cristão e civilizador.

Foi depois dada a palavra ao ex.^{mo} sr. dr. José Francisco dos Santos, professor daquele estabelecimento de ensino, que estava incumbido de proferir a oração de sapiência.

Tomou para assunto da sua oração o exemplo dos nossos maiores como factor poderoso na educação da mocidade. Mostrou como os portugueses foram grandes em todos os campos e, sobretudo nos séculos XVI e XVII, deram exemplos de valor e virtude a todas as nações da terra. Daí podem os portugueses de hoje tirar incentivo para se esforçarem por serem amanhã aquilo que os seus antepassados já foram.

Basta que o queiram para o conseguirem.

Procedeu-se depois à distribuição de prémios aos alunos mais classificados no ano lectivo findo, que foram os seguintes:

António Rodrigo de Araújo Pinheiro, distinto, com 18 valores no exame do 6.º ano, Prémio Nacional de 1.000\$00, e prémio de 300\$00 da Junta da Província do Minho.

Alexandre Mendes de Almeida, distinto, com 18 valores, 2.º classificado no exame de 6.º ano, prémio de 100\$00 da Câmara Municipal de Guimarães.

Maria José Leite da Silva, prémio de 50\$00 da Câmara M. de Guimarães.

Ana Maria Flores de Matos Chaves, prémio de 60\$00 — dr. Manuel Pimenta.

Prémios em livros, oferecidos pela Câmara M. de Guimarães:

1.º ano, Maria Luiza de Oliveira Gonçalves.

1.º ano, Gonçalo Sousa de Guise Pinheiro.

2.º ano, Aida de Oliveira.

3.º ano, Alberto Lobato Braga.

3.º ano, Maria do Carmo Pereira da Cunha e Castro.

3.º ano, Maria de Jesus Natércia da Costa Valente.

4.º ano, Maria do Céu Trancoso Poças Falcão.

O Convénio Comercial Luso-Espanhol

Um novo êxito da política de Salazar

Causou júbilo no País a notícia publicada nos jornais de que havia sido assinado um convénio comercial com o país vizinho. A Espanha nacionalista, que conosco havia assinado o seu primeiro pacto político, subscreveu também conosco o seu primeiro tratado de comércio. Sente-se por detrás disto a hábil e persistente acção diplomática de Salazar coadjuvada pelos seus colaboradores e aceite pela boa vontade e conveniências da Espanha.

Na sua nota oficiosa sobre o assunto, o Governo deixa perceber que as transações a realizar com o país vizinho serão, por virtude do convénio agora assinado, muito mais consideráveis do que eram até há pouco. A oportunidade do arranjo económico não podia ser melhor escolhida. Tanto Portugal como a Espanha estão sofrendo os reflexos da guerra que se desenrola há quasi quatro meses. O seu comércio marítimo foi seriamente atingido devido à guerra submarina e de curso. Ora a circulação de mercadorias entre a Espanha e Portugal, mesmo por via marítima, está fora das zonas onde a guerra submarina se desenvolve e que atinge como se sabe não só os navios das potências beligerantes como as dos neutros.

O certo é que os dois países peninsulares, que as circunstâncias em que decorreu a guerra civil tornou amigos, corrigem pelo convénio comercial o mal resultante da guerra marítima. Portugal trocará muitos dos seus produtos pelas matérias do sub-solo espanhol e por produtos da sua indústria química, cuja organização está perfeitamente ordenada.

Empregamos a palavra trocará e não venderá porque na verdade as transações têm mais esse carácter que qualquer outro. A diferença de valor das moedas dos dois países era obstáculo sério que se apresentava para solução conveniente do problema. Tudo, afinal, foi resolvido pelo melhor. O escudo português será a moeda padrão nas transações luso-espanholas. E' isto ainda um novo êxito para Portugal. A adopção do escudo prova que a moeda portuguesa é uma moeda sã, estável, na qual as duas partes podem ter plena confiança e vê-se quantas as dificuldades de contabilidade e de câmbios foram suprimidas.

Entre tantos factos lisonjeiros para a nossa acção diplomática, desde que Salazar assumiu a suprema direcção dos negócios públicos, parece-nos que o convénio comercial com a Espanha deve ser assinalado com pedra branca.

Com efeito, abrem-se novas perspectivas ao comércio externo português e com isso muito beneficiará a economia nacional.

J. C.

Visado pela Comissão de Censura

4.º ano, Augusto Luiz Rodrigues Guimarães.

4.º ano, Aristides Américo de Araújo Pinheiro.

4.º ano, Maria Carolina Leite da Silva.

4.º ano, João Manuel Loureiro Moreira.

5.º ano, José António Teixeira.

O LACTÁRIO MUNICIPAL

Lindo gesto

Passou no dia 20 do corrente o aniversário natalício do nosso querido e prezado amigo, sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, um dos mais sinceros e zelosos servidores do Estado Novo do nosso concelho, ao qual presta o seu valioso concurso na Câmara Municipal e na Comissão Concelhia da União Nacional.

Não figurava nos nossos registos o aniversário natalício do nosso considerado amigo, e por isso cometemos a falta de lhe não apresentar nessa ocasião os nossos sinceros e ardentes parabens. Queremos reparar o lapso e por isso daqui cumprimentamos o ilustre nacionalista a quem desejamos longa vida e todas as felicidades de que as suas excelentes qualidades o tornam merecedor.

Mas, ao contrário do que nos aconteceu a nós, as mãis das criancinhas que o lactário municipal socorre não esqueceram o dia e foram de surpresa e com uma simplicidade encantadora, levando os seus filhinhos ao colo, procurar a sua casa o sr. Dr. Castro Ferreira, fundador e director do lactário a dar-lhe uma prova singela mas enternecedora da sua gratidão. As inocentes criancinhas ofereceram ao seu bemfeitor humildes ramos de flores, alguns deles acompanhados de versos singelos.

Transcrevemos uma quadra que bem pode compendiar os sentimentos de todos:

Salve, 20-12-1939.

Aceite, Senhor Doutor,
Dum menino pobrezinho,
(que mais não tem p'ra ofertar)
Este pequeno raminho.

Armando Gonçalves.

Calculamos quanto este gesto de mãis humildes e de inocentes criancinhas haja comovido o sr. Dr. Castro Ferreira, tam avesso a exhibicionismos e a lisonjas. A homenagem não podia ser nem mais sincera nem mais eloquente. E' com verdadeiro júbilo que lhe damos publicidade, não só porque ela foi um acto de justiça, tanto mais apreciada quanto menos esperada, mas porque nos revela quão nobres sentimentos se podem albergar nas almas mais humildes.

Folgamos também que o facto nos tenha dado ensejo de nos referirmos ao lactário Municipal, que, sem alardes nem reclamo, vem realizando no nosso meio uma obra de assistência eminentemente social, não só fornecendo alimento às criancinhas pobres mas educando as mãis na arte sublime, mas infelizmente tam ignorada, de tratar conveniente dos filhos na primeira infância.

Voltaremos a referir-nos ao lactário municipal, que precisa de ser conhecido e acarinhado pelos vimaranenses.

Ontem fêz-se a inauguração oficial das suas novas instalações no edificio da Casa dos Pobres e distribuíram-se roupas pelas criancinhas socorridas. Sabemos que a Câmara Municipal contribuiu com um subsídio extraordinário de mais de mil escudos e diversos industriais ofereceram artigos do seu fabrico para a confecção de parte das roupas.